

Racismo Genderizado: a mulheridade negra em *No seu pescoço* (2009) de Chimamanda Adichie

Gendered Racism: Black Womanhood in Chimamanda Adichie's
The Thing Around Your Neck (2009)

Bruna Gonçalves Ferreira

Graduanda de Licenciatura em História
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
bruna05ferreira09@gmail.com

Recebido em: 24/09/2022

Aprovado em: 06/12/2022

Resumo: O presente artigo investiga o Racismo Genderizado no livro de contos *No seu pescoço* (2009) de Chimamanda Ngozi Adichie, através de representações e metáforas da narrativa. O Racismo Genderizado é uma opressão caracterizada por interconectar o racismo e o sexismo sobre os corpos das mulheres negras. Com isso, objetivou-se compreender como essa opressão foi trabalhada por Adichie em seus contos, considerando que ela é uma autora nascida na Nigéria, país dominado pelos britânicos até 1960, e que sofreu diversas intervenções imperiais, como a instauração do gênero. Dessa maneira, as mulheres são vítimas de um processo de dupla opressão e exclusão na sociedade nigeriana, como uma herança deixada pelos colonizadores. Sendo assim, o Racismo Genderizado foi percebido em cinco diferentes temáticas na fonte estudada, são elas: Descolonização, Imigração, Afetividades, Políticas do Corpo e Aspectos Narrativos.

Palavras-chave: Racismo Genderizado; Chimamanda Adichie; Descolonização.

Abstract: This article investigates Gendered Racism in the book of short stories *The Thing Around Your Neck* (2009) by Chimamanda Ngozi Adichie, through representations and metaphors of the narrative. Gendered Racism is an oppression characterized by interconnecting racism and sexism in black women. The objective was to understand how this oppression occurs by Adichie in her short stories, considering that she is a Nigerian author, a country dominated by the British until 1960, and who underwent several imperial interventions, such as the establishment of the genre. Women are victims of a process of double oppression and exclusion in Nigerian society, as a legacy left by the colonizers. Thus, Gendered Racism was perceived in five different themes in the source studied, they are: Decolonization, Immigration, Affectivity, Body Policies and Narrative Aspects.

Keywords: Gendered Racism; Chimamanda Adichie; Decolonization.

Introdução

A princípio, esse trabalho tem como objetivo compreender os efeitos do Racismo Genderizado na obra de contos *No seu pescoço* (2009) da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, o único da autora nesse gênero literário. Nesse âmbito, intenta-se discutir como a autora representa a opressão de raça e gênero nesse livro, diante de um recorte de descolonização da Nigéria.

A escritora em questão tem algumas obras publicadas no Brasil, entre elas estão *Meio Sol Amarelo* (2008), *Americanah* (2014), e *Hibisco Roxo* (2011), no qual as protagonistas são mulheres negras nigerianas. *No seu pescoço* (2009) explora temas relacionados à imigração, relações familiares, preconceitos raciais e de gênero. Ademais, a descolonização da Nigéria é algo recorrente na narrativa do livro, bem como os seus desdobramentos no tangente à aculturação da população nigeriana, a imposição da língua inglesa e os conflitos religiosos (BRAGA, 2019, p. 45-46).

O foco desse artigo é analisar as opressões raciais e de gênero como uma condição da mulheridade¹ negra no tempo presente. Nesse sentido, pretende-se estudar essas questões a partir da opressão intitulada “Racismo Genderizado”, isto é, o racismo e o sexismo atuando de forma interconectada e produzindo efeitos específicos na experiência das mulheres negras (KILOMBA, 2019, p. 98). É a partir dessa problemática, de opressão racial e de gênero, que o livro *No seu pescoço* é analisado, pensando essa obra enquanto uma expressão das mulheres negras contemporâneas, ou melhor, historicizando o Racismo Genderizado neste livro.

Apesar de ser ficcional, os contos de Adichie retratam situações cotidianas na Nigéria, que estão, de certa forma, ligadas à situação política do país e à descolonização. Nesse sentido, narrativas ficcionais não são criadas fora da realidade, mas são elaboradas através dela (PESAVENTO, 2003, p. 32). Para Braga (2019), as mulheres que vivem nos países que recém conquistaram independência, no caso da Nigéria em 1960, sofrem uma dupla-descolonização e são vítimas de um processo de dupla-opressão pelo colonizador e pelo homem colonizado. Portanto, será abordado como a instauração do gênero colonial na sociedade nigeriana impulsionou as desigualdades e violências de gênero (OYĒWÙMÍ, 2021, p. 189).

¹ O termo “mulheridade” é empregado neste trabalho para se referir às mulheres em sua pluralidade (de classe, sexualidade etc.), sendo recorrentemente utilizado por bell hooks em sua escrita.

A discussão foi dividida em três tópicos, no primeiro é promovido um diálogo entre as relações da História e da Literatura, além de ser abordado a natureza da ficção, da representação e da metaforização. Para isso, são utilizados os pensamentos de Sandra Pesavento (1995; 1996; 2000; 2003), Cláudio Braga (2010; 2011; 2019), Rafael Santana (2020) e Thomas Bonnici (1998).

No segundo tópico, é realizada a apresentação dos conceitos de raça e gênero, suas interconexões, e ações sobre mulheres negras, discutindo-se sobre o “Racismo Genderizado” e sua conceituação. Os principais autores dessa seção são Grada Kilomba (2019), Silvio Almeida (2021), Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) e Achille Mbembe (2001).

Por fim, no terceiro tópico, está a análise do livro *No seu pescoço*, que foi repartida em cinco subtópicos que exploram a narrativa de Chimamanda Adichie, através do Racismo Genderizado, são eles: Descolonização, Imigração, Afetividades, Políticas do Corpo e Aspectos Narrativos. Para a análise utilizou-se do pensamento de Grada Kilomba (2019), Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), Sandra Pesavento (1995; 1996; 2000; 2003), Thomas Bonnici (1998) e outros.

História, Literatura e Chimamanda Adichie

Essa pesquisa, em sua intenção de analisar a interconexão de raça e gênero, toma como fonte o livro de contos *No seu pescoço* (2009), de Chimamanda Ngozi Adichie, e insere um problema válido a mencionar, isto é, como tratar de uma obra da literatura contemporânea nigeriana no campo historiográfico? Por extensão, como suas variadas temáticas e similaridades referentes ao “Racismo Genderizado” são apresentadas na fonte?

A História e a Literatura vêm sendo comparadas há muito tempo, principalmente no âmbito da narrativa, pois são práticas discursivas com métodos e resultados distintos (PESAVENTO, 1995, p. 116). Vale salientar, que a História é uma ciência e, como tal, tem metodologia, objeto de pesquisa, referencial bibliográfico, ou seja, a narrativa histórica pode ser mais lírica ou poética, mas ela precisa estar pautada pelo método científico (PESAVENTO, 2000, p. 33). Assim, a História e a Literatura criam representações de uma época a partir do real, no entanto, a História precisa estar amarrada aos métodos científicos, enquanto a Literatura é regida por outros protocolos que por sua vez abrem espaços para ficcionalizações e fantasias (PESAVENTO, 1995, p. 117). Para a História, os registros se tornam fontes a partir do levantamento de questões em uma pesquisa historiográfica (PESAVENTO, 2003, p. 39). Nesse trabalho a literatura é uma marca de historicidade e, enquanto tal, pode apresentar-

se como um registro um tanto especial e diferente das demais, porque traz em si as sensibilidades, os detalhes, as razões e representações de um período, conteúdos que outros registros históricos, muitas vezes, não possuem (PESAVENTO, 1996, p. 110).

O diálogo entre a História e a Literatura nem sempre foi aceito pelos historiadores. Durante o século XIX, a História pretendia ser científica e fugir da dita “ficcionalização”, associada à literatura, nesse momento, os historiadores acreditavam que as fontes históricas deveriam ser apenas as documentações “oficiais”. Já no século XX, com o advento da escola dos Annales e com as colocações da História-Problema, houveram críticas à história positivista do século XIX, principalmente à natureza das fontes e a falta de interdisciplinaridade com as Ciências “Auxiliares”, como a Geografia, a Sociologia e, até mesmo, a Literatura.

Os contos que serão analisados são ficcionais, porém, as narrativas ficcionais não são construídas fora da realidade, assim, a ficção não é o “avesso do real, mas uma outra forma de captá-lo [...]” (PESAVENTO, 1995, p. 117). A pesquisa histórica tem colaborado para compreender os

modos como a literatura foi concebida, particularizada em relação a outras expressões orais ou escritas, transmitida, lida, compartilhada ou apropriada pelos diferentes grupos sociais das diversas épocas e sociedades. E, sobretudo, para o entendimento dos distintos papéis que, ao longo do tempo, ela desempenhou na existência dos seres humanos, em suas várias dimensões sociais ou subjetivas (FERREIRA, 2009, p. 68).

Além disso, a obra ficcional pode apresentar-se através de metáforas sociais (PESAVENTO, 1996, p. 111), algo observável na obra literária de Chimamanda Adichie, de acordo com Braga (2019) e Santana (2020). A partir da metaforização social, Adichie escreve sobre a violência sexista e racista que provém do colonialismo em África.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma renomada autora nascida em 1977 na Nigéria, alguns anos após a Guerra Civil Nigeriana (1967-1970), ou Guerra de Biafra, que marcou fortemente a sua família e a vida de pessoas pertencentes ao grupo étnico igbo. Adichie é filha de professores universitários e passou boa parte de sua vida cercada por saberes e literatura — inclusive chegou a morar em uma casa que pertenceu ao escritor Chinua Achebe. A autora já era reconhecida pelas suas obras, porém ganhou mais notoriedade ao fazer duas palestras no *Ted Talks*, chamadas: *O perigo de uma história única*² e *Sejamos*

² A palestra *O perigo de uma história única* é a tradução do inglês “The danger of a single story”, está disponível na plataforma Ted Talks, ver: ADICHIE, Chimamanda N. **The danger of a single Story**. [S. l.], 2009, Publicado no canal Ted Talks, 1

*todos feministas*³, transformadas em livros-manifestos. Na primeira palestra, Adichie abordou o preconceito contra pessoas africanas e criticou como muitas entendem o continente como homogêneo, e na segunda a autora detalhou os percalços das mulheres ao longo da história, citando experiências pessoais de opressões de gênero e raça sofridas por ela. Nesse sentido, a vida de Adichie é permeada por duas situações, a Descolonização e o que aqui é chamado de Racismo Genderizado.

No seu pescoço é um livro de contos, publicado em 2009, sob o título de *The Thing Around Your Neck* pela editora *Fourth Estate Ltd.*, tendo sido traduzido para o português brasileiro apenas em 2017 pela Companhia das Letras. Ao todo, a obra tem 12 contos, e aborda variados temas em torno da mulher nigeriana, como a imigração, a família e preconceito racial e de gênero. Nesse âmbito, alguns contos já foram problematizados por pesquisas acadêmicas, principalmente *A historiadora obstinada*, que narra uma história sobre o colonialismo britânico na Nigéria pré-colonial (BRAGA, 2010; MIRANDA; PRADO, 2021). Braga (2011; 2019), possui alguns artigos, resenhas e, mais recentemente, uma tese sobre a obra de Adichie, na área da Literatura, em que explora questões referentes ao cabelo da mulher negra em *Americanah* (2014). Já no campo Historiográfico, há alguns trabalhos sobre as produções de Adichie, como o de Santana (2020) que problematizou a contribuição da obra da autora para a história recente nigeriana.

Racismo Genderizado e a Descolonização: Interconectando Raça e Gênero

A princípio, faz-se necessário pontuar que o termo “Raça” é utilizado neste trabalho em seu sentido político e social, e não biológico; mas, é importante salientar, que o termo surgiu como forma de distinção entre seres humanos, classificados como superiores e inferiores. Assim, para Silvio Almeida (2021), a ideia de raça foi criada junto com o processo de colonização no século XVI. Nessa mesma linha, Aníbal Quijano (2005) expõe que a colonização europeia na América criou a modernidade, as noções raciais e a divisão racial do trabalho, logo “raça” é um conceito colonial moderno, estabelecido a partir de um processo de dominação e inferiorização de um sujeito sobre o outro. As relações de trabalho e de raça foram associados estruturalmente, portanto eles estão

vídeo (18m26s). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso: 13 abr. 2022.

³ A palestra *Sejamos todos feministas* é a tradução do inglês “We should be feminists”, está disponível na plataforma Ted Talks, ver: ADICHIE, Chimamanda N. **We should be feminists**. [S. l.], 2012, Publicado no canal Ted Talks, 1 vídeo (29m19s). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists. Acesso: 13 abr. 2022.

fortemente atrelados à divisão racial do trabalho, no qual os negros foram reduzidos à escravidão, enquanto os indígenas foram destinados à servidão e os europeus eram os únicos que recebiam salários pelo seu trabalho. “A distribuição racista do trabalho no interior do capitalismo colonial/moderno manteve-se ao longo de todo o período colonial [americano]” (QUIJANO, 2005, p. 119).

Nesse âmbito, durante o século XIX a escravidão foi sendo censurada e proibida em diversos lugares, bem como a dominação colonial europeia em alguns países da América. No entanto, o discurso de superioridade racial não foi eliminado, mas endossado pelas teses eugênicas e pelos ideais de progresso. Para Mbembe (2001), o período de pós-abolição foi marcado por discussões sobre o sujeito africano, se ele era passível de ser considerado humano, ou seja, se ele possuía razão, conforme os moldes iluministas do período. A construção da diferença ontológica entre o branco-europeu e o negro-africano, fez os europeus sentirem necessidade de “levar a civilização” aos africanos, e consequentemente torná-los “humanos”. De acordo com Silvio Almeida (2021), nesse cenário ideológico ocorreu a primeira crise do capitalismo e com isso as chamadas “grandes potências europeias” invadiram e dividiram o continente africano

nos termos da conferência de Berlim de 1884. Ideologicamente, o neocolonialismo assentou-se no discurso da *inferioridade* racial dos povos colonizados que, segundo os seus formuladores, estariam fadados à desorganização política e ao subdesenvolvimento (ALMEIDA, 2021, p. 29-30).

O racismo é resultado de todo esse processo político, histórico, social e econômico, que subalternizou e inferiorizou os sujeitos negros — e amarelos — em favor da branquitude (ALMEIDA, 2021, p. 63). A opressão racial se configurou enquanto construção da diferença entre brancos e não-brancos, em que o sujeito branco é colocado como norma, enquanto “[...] todas/os as/os “Outras/os” raciais “diferem”” (KILOMBA, 2019, p. 75). Além disso, a diferença é produzida a partir de uma hierarquia de valores, no qual o sujeito não-branco é o estigma da desonra e da inferioridade racial, e isso é denominado como preconceito. Por fim, todos esses processos estão intrinsecamente ligados ao poder institucional cuja detentora é a branquitude dominante (KILOMBA, 2019, p. 204). Nesse viés, “é a combinação do preconceito e do poder que forma[m] o racismo” (KILOMBA, 2019, p. 76).

Por outro lado, deve-se considerar que “mulheridade/mulher negra” é uma caracterização posta ao corpo feminino e uma categoria de gênero ocidental, que foi criada e/ou fomentada pela colonização britânica onde hoje é a Nigéria. De forma geral, algumas comunidades ancestrais africanas

não eram distinguidas e hierarquizadas pelo gênero, mas pela senioridade, e foi através da colonização que foi instaurado o gênero como uma condição de poder (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 189). Nesse aspecto, quando se discute o gênero na Nigéria, precisa-se levar em consideração que as categorias de poder e de opressão de gênero são configurações trazidas com a colonização, e, ao se referir às fêmeas ou machos anatômicos do período pré-colonial, deve-se utilizar os termos “anafêmea”, “anamacho” respectivamente, pois as palavras “mulher” e “homem” carregam em si hierarquizações generificadas e ocidentais (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 172).

Desse modo, a colonização britânica na Nigéria, utilizou de vários meios para implementar a diferenciação de gênero dentro da nova situação colonial⁴, inclusive na criação do que Oyěwùmí (2021) chama de Estado do patriarcado. Nesse sentido, a inferiorização da anafêmea ao papel de mulher se deu em vários espaços, como nos ambientes políticos, religiosos, educativos e econômicos, restando apenas a esfera doméstica e poucas escolas femininas, onde o ensino centrava-se em criar boas mães e esposas (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 195). A socióloga argentina María Lugones (2020) entende essa configuração colonial como “Colonialidade do Gênero”, no qual ela amplia as percepções de Aníbal Quijano (2005) sobre a “Colonialidade de Poder”, e considera as configurações de gênero juntamente com a raça e trabalho dentro das condições opressivas do colonialismo. Na perspectiva de Lugones (2020), o gênero foi uma forma de dominação colonial, que inferiorizou as mulheres e criou a subordinação dessas aos homens, inclusive aos colonizados, em consonância com Oyěwùmí (2021), a colonização criou o homem colonizado para ser herdeiro do mundo colonial.

Com isso posto, é necessário salientar que os estudos feministas e de gênero, tinham — antes da interseccionalidade — apenas a opressão sexista em seus estudos, desconsiderando que sobre os corpos de mulheres não-brancas e pobres eram somadas as violências de raça, classe e sistema político. Dessa maneira, as mulheres negras acadêmicas começaram a teorizar a sua própria existência, criando instrumentos heurísticos que incorporassem todas as formas de opressão, criadas por e a partir delas, enquanto sujeitas de suas histórias. Assim foi criado o feminismo negro, em meados dos anos 1980 e 1990, tendo a interseccionalidade como método analítico, que considera as mais variadas violências

⁴ A “situação colonial” é um conceito estudado por Frantz Fanon (2008), onde ele explora que a colonização criou tanto o sujeito colonizador como o colonizado, sendo frequentemente lidos como pertencentes ao sexo masculino.

associadas às “mulheres de cor”⁵, para utilizar um termo recorrentemente utilizado por bell hooks (2020)⁶.

No mundo acadêmico, que produz pesquisa sobre as opressões sofridas pelas mulheres negras e colonizadas, existem duas teses sobre essa violência contra as nativas. A primeira é a dupla-colonização, que defende que as mulheres colonizadas sofrem opressões não apenas do colonizador, mas também do homem colonizado, ou seja, são colonizadas duas vezes (BRAGA, 2019, p. 52-53). Em contrapartida, existe a tese de que as mulheres colonizadas não sofrem um processo de dupla colonização, mas um processo de dupla-inferiorização, causado pela interconexão das opressões de raça e gênero, no qual apenas o colonizador é o opressor (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 186-187). Ante a isso, as duas teses entendem que o sofrimento da mulher negra e colonizada nesses espaços é causado pelo racismo e sexismo, e aqui, chamamos essas opressões causadas pela hierarquia da raça e do gênero de Racismo Genderizado.

O Racismo Genderizado é o resultado das opressões de raça e de gênero, ou seja, é uma violência específica de mulheres de cor. Essa nomenclatura foi estabelecida a partir dos estudos da Interseccionalidade, que

[...] visa[m] dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cishéteropatriarcado — produtores das avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKO'TIRENE, 2020, p. 19).

Dessa forma, Grada Kilomba (2019) entende que “formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam” (KILOMBA, 2019, p. 98-99), pois o racismo não foi construído com ideologias e estruturas particulares, mas em constante interação com outras ideologias e estruturas, como o sexismo. Portanto, essa opressão só pode ocorrer em corpos de mulheres de cor. Kilomba (2019) possui um papel de grande importância para o estudo do Racismo Genderizado, principalmente

⁵ *Mulheres de cor* é uma expressão emprestada — e traduzida — do inglês “woman of color”, é comumente utilizada por autoras renomadas nos estudos de gênero e raça, entre elas bell hooks e Patricia Hill Collins. Nesse sentido, “mulheres de cor” é um vocábulo que compreende todas as mulheres não brancas, como as negras e as amarelas.

⁶ bell hooks é uma teórica do feminismo negro norte-americano, e prefere que a grafia de seu nome seja feita em letras minúsculas, pois ela acredita que a sua teoria deve chegar antes de seu nome, e neste trabalho iremos respeitar a sua decisão.

em seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* no qual realiza um estudo psicológico sobre o trauma provocado pelo racismo em mulheres negras.

Nessa feita, a descolonização pode ser compreendida como uma forma de independência política e formação dos Estados-nação do período “pós-colonial” (BRAGA, 2019, p. 41). No entanto, não deve ser confundida com a eliminação das implicações coloniais até então instituídas (BONNICI, 1998, p. 09), pois alguns resquícios da colonização se configuram no pós-colonial, e são demonstradas por Adichie em sua obra, como a dificuldade de adaptação ao idioma inglês, os conflitos religiosos e a imigração (BRAGA, 2019, p. 51). Sendo assim, pode-se considerar que as opressões empreendidas sobre as mulheres no período colonial não foram extintas no período pós-colonial.

Conforme indica Spivak (2010), o subalterno, nesse caso o sujeito colonizado, não pode falar por si, pois não há quem o escute. Para Bonnici (1998), o processo de descolonização é violento e os indivíduos que passam por esse fenômeno e decidem fazer o uso da linguagem se transformam em seres conscientes politicamente que enfrentam o opressor/colonizador. Por isso, é necessário pontuar, que a fonte foi publicada no período de descolonização, precisamente em 2009, quando a Nigéria já era independente. Assim, o livro *No seu pescoço*, de Adichie, é considerado uma obra pós-colonial, pois critica o antigo sistema político do país (colonial) e suas permanências históricas através de seus contos (BONNICI, 1998; SANTANA, 2020). Além disso, a obra em questão representa uma reação contra o cânone literário europeu, ao mostrar outras possibilidades de experiências de vida, e, conseqüentemente, uma nova visão de mundo e imaginário em sua literatura (BRAGA, 2019, p. 31).

***No seu pescoço*: As Mulheres e o Racismo Genderizado**

Para analisar os contos do livro *No seu pescoço* (2009) e identificar o Racismo Genderizado — que é a interconexão do racismo e do sexismo sobre os corpos de mulheres negras, e já foi amplamente discutido no tópico anterior — haverá uma separação em cinco categorias, que foram identificadas na fonte, são elas: Descolonização, Imigração, Afetividades, Políticas do Corpo e Aspectos Narrativos.

Racismo Genderizado e a Descolonização

Cláudio Braga (2019) indica que na obra de Chimamanda Adichie, são apresentadas algumas formas de descolonização, como a adaptação do colonizado à língua inglesa e os conflitos religiosos. Conforme já foi apontado, a descolonização refere-se ao período pós-colonial, em que há formação de Estados-Nações independentes, portanto, isso não quer dizer que tal configuração seja a eliminação

das práticas implementadas durante o sistema colonial (BONNICI, 1998, p. 09), e que não hajam permanências históricas desse período. Nesse sentido, pode-se considerar, que as opressões de raça e de gênero implementadas durante a colonização não acabaram com o seu fim.

A primeira percepção que envolve o Racismo Genderizado e a Descolonização é no conto que abre o livro, intitulado *A cela um*. Aqui temos uma situação em uma conversa entre a mãe da personagem principal e uma feirante:

Nnamabia era igualzinho à minha mãe, com a pele clara cor de mel, olhos grandes e uma boca generosa que se curvava perfeitamente. Quando minha mãe nos levava ao mercado, os feirantes gritavam: “Ei! Senhora, porque desperdiçou sua pele clara num menino e deixou a menina tão escura? O que um menino está fazendo com tanta beleza?” E minha mãe ria, como se assumisse uma alegre e travessa responsabilidade pela beleza de Nnamabia (ADICHIE, 2017, p. 12).

Nessa situação temos uma associação que faz com que a pele negra retinta — ou mais escura — seja vista como inferior em detrimento da pele mais clara. Através dos vestígios deixados pela escritora é possível constatar que o conto se passa integralmente na Nigéria, além disso foi identificado que um dos personagens tem o apelido de “General Abacha”, referência a Sani Abacha que foi presidente ditatorial nigeriano entre 1993 e 1998, com isso, conclui-se que esse conto se passa depois de 1993, ou seja, após a independência da Nigéria, em 1960. Portanto, esse pensamento de que as peles mais claras são mais “belas”, é um pensamento europeu, perpetuado durante a colonização britânica na Nigéria, que aparece como uma permanência histórica, apresenta-se de forma sutil sendo reproduzida por pessoas colonizadas.

Apesar de toda sutileza do trecho e pelo racismo não ser o tema central da narrativa, Adichie registra em sua ficção um resquício das sensibilidades das pessoas referentes aos tons de pele e seus significados. Significados levados com a colonização. Além disso, há ainda nesse trecho a questão do gênero, principalmente, ao ter uma comparação entre irmãos, no qual a menina deveria “herdar” de sua mãe a “beleza” e, conseqüentemente, a “clareza” de sua pele e não o menino. Há algo implícito no trecho destacado, de que a beleza deveria pertencer à mulher, algo que não é possível pelo tom de sua cor. Nesse aspecto, Grada Kilomba (2019) afirma haver uma associação entre a negritude e a negatividade, como se ter a pele mais escura fosse de alguma forma algo negativo.

Racismo Genderizado e a Imigração

A imigração pode ser considerada uma característica de descolonização (BRAGA, 2019, p. 21). No entanto, optou-se por desenvolver um tópico exclusivo para tal assunto, visto que há nas narrativas traços de Racismo Genderizado dentro e fora da Nigéria. No conto que dá título ao livro, *No seu pescoço*, a personagem Akunna imigra da Nigéria aos Estados Unidos, e após sofrer assédio de seu tio — algo que será comentado mais à frente — a personagem muda de casa, arruma um emprego e um namorado, em certo momento um episódio de Racismo Genderizado é encenado:

Certa vez, no Chang's, ele [o namorado branco de Akunna] disse ao garçom que tinha ido recentemente a Xangai e que falava um pouco de mandarim. O garçom ficou animado, falou qual era a melhor sopa e depois perguntou: “Você tem namorada em Xangai agora?”. Ele deu um sorriso, sem dizer nada. [...].
Mais tarde, contou para ele por que estava chateada, dizendo que, apesar de vocês irem ao Chang's juntos com tanta frequência, apesar de terem se beijado logo antes de o garçom trazer os cardápios, aquele chinês presumiu ser impossível que você fosse namorada dele, e ele apenas sorriu, sem dizer nada. Antes de pedir desculpas, ele olhou para você com uma expressão vaga, e você soube que ele não tinha entendido (ADICHIE, 2017, p. 134).

O relacionamento inter-racial de Akunna negra e africana e seu namorado branco e norte-americano fez o garçom, de origem chinesa, não considerar a possibilidade de um relacionamento de ordem afetiva entre os dois, ou, talvez o garçom tenha feito uma associação de que o homem branco tivesse namoradas de diferentes etnias. No entanto, como essa é uma narrativa criada por Adichie e que acompanha a perspectiva de Akunna, consideremos a primeira opção. Há, infelizmente, preconceitos com relacionamentos inter-raciais, principalmente nos Estados Unidos, possivelmente causado pelo histórico escravista e segregador do país.

Essa citação demonstra um apagamento da vítima de Racismo Genderizado, no caso a personagem Akunna, quando o garçom nem mesmo a considera como namorada de um homem branco. Ou seja, há indícios de uma dupla-opressão racista e sexista em sua fala. Nessa situação há outra questão que pode ser avaliada: a ausência de resposta ao garçom. O namorado apenas “[...] deu um sorriso, sem dizer nada” (ADICHIE, 2017, p. 134) e Akunna fica em silêncio. O silêncio da mulher subalternizada, remete ao que Spivak (2010) teoriza, que em espaços opressores a fala dos subalternizados não é ouvida. Ou seja, mesmo que a personagem tivesse respondido ao garçom que eles namoravam, ele não deixaria de acreditar na impossibilidade de um relacionamento entre brancos e negros. Essa situação é mais evidente nesse episódio, mas ao longo do conto são narradas outras

formas de estranhamento ao relacionamento inter-racial de Akunna, ou seja, a autora coloca na narrativa várias representações da repulsa das pessoas ao relacionamento dos personagens.

Ainda nesse conto, e sobre esse relacionamento, Akunna é apresentada aos pais do seu namorado: “Você olhou para eles e se sentiu grata por não a examinarem como a um troféu exótico, uma presa de marfim.” (ADICHIE, 2017, p. 137). Nesta citação, não há um gesto claro de Racismo Genderizado, mas o fato de a personagem viver diante dessa opressão, a faz presumir que passaria por isso novamente, e se sente grata de não acontecer. Para Grada Kilomba, o racismo, pode projetar tudo que a branquitude mais odeia em si mesma no/a negro/a.

Tais processos de repressão e projeção permitem que o sujeito branco escape de sua historicidade de opressão e se construa como “civilizado” e “decente”, enquanto “Outras/os” raciais se tornam “incivilizadas/os” (agressivos) e “selvagens” (sexualidade) (KILOMBA, 2019, p. 79).

Portanto, o acesso a essa opressão faz com que os sujeitos negros rememorem o passado colonial (KILOMBA, 2019, p. 213), ao terem contato com o racismo cotidiano.

O passado colonial foi “memorizado” no sentido em que “não foi esquecido”. Às vezes, preferimos não lembrar, mas, na verdade, não se pode esquecer. A teoria da memória de Freud é, na realidade, uma teoria do esquecimento. Ela pressupõe que todas as experiências, ou pelo menos todas as experiências significativas, são registradas, mas que algumas ficam indisponíveis para a consciência como resultado da repressão e para diminuir a ansiedade. Já outras, no entanto, como resultado do trauma, permanecem presentes de forma espantosa. Não se pode simplesmente esquecer e não se pode evitar de lembrar. [...] A ideia de “esquecer” o passado torna-se, de fato, inatingível; pois cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional. Essa configuração entre passado e presente é capaz de retratar a irracionalidade do racismo cotidiano como traumática (KILOMBA, 2019, p. 213).

Portanto, o racismo é uma opressão tão traumática na psiquê do/a negro/a, que ele/a passa a rememorar o passado colonial. Akunna não se sente como uma “presa de marfim” (ADICHIE, 2017, p. 137), mas ela presumiu que se sentiria assim, já sabia da sensação. Essa é uma representação muito minuciosa do cotidiano das mulheres negras com o racismo, e foi sutilmente apresentada por Adichie nesse trecho.

Outro conto a ser discutido neste tópico é *Os casamenteiros*. A narrativa aborda a história de um casal, cujo homem tenta impor uma vida americanizada à sua nova esposa. Os dois são imigrantes

nigerianos nos Estados Unidos, sendo que ele mora a mais tempo no país, enquanto ela se mudou em função do casamento — arranjado. O marido impede a esposa de falar conforme o inglês pidgin nigeriano⁷ e faz com que ela seja chamada por seu nome em inglês.

“Biko, eles não têm um ascensor?”, perguntei. Pelo menos, uma vez, no prédio do governo local, eu tinha andado no ascensor barulhento, que tremia durante um minuto inteiro antes que as portas abrissem.

“Fale inglês. Tem gente atrás de você”, sussurrou ele, me puxando na direção de um balcão de vidro repleto de joias que brilhavam. “É elevador, não ascensor. Os americanos dizem elevador.” (ADICHIE, 2017, p. 190).

Nesse trecho podemos observar como a personagem Chinaza-Agatha⁸ é tratada pelo seu marido Ofodile-Dave, e como ele tenta americanizá-la. Iremos recorrer à edição em inglês para fazer uma análise da palavra “ascensor” e verificar como ela foi escrita em sua versão original. Na ocasião está escrito: “Biko, don’t they have a lift instead?” (ADICHIE, 2009, p. 108). Ele corrige a palavra “lift” como “elevador”. A tradução aqui é necessária, pois o personagem do marido pede para que ela fale em inglês, e no original foi constatado que ela já falava no inglês, possivelmente com um sotaque do inglês pidgin.

Assim, nota-se que o personagem quer americanizar a sua esposa e ela que fale o inglês americano, descaracterizando o seu sotaque para passar despercebida como imigrante. Essa situação não se passa apenas diante de outros americanos, mas também no ambiente privado: “‘Nno’, disse eu. ‘Trabalhou bem?’ ‘Você tem que falar inglês em casa também, amor. Assim, se acostuma.’” (ADICHIE, 2017, p. 192). “Nno” em português seria algo como “bem-vindo”, ou seja, a esposa saúda seu marido que chegou do trabalho, mas ele nem a responde e a corrige para que ela fale em inglês americano ao invés do igbo tradicional, mesmo no ambiente doméstico.

Além dessas micro-violências do cotidiano que Chinaza-Agatha sofre, ela ainda é intimada a usar e se apresentar somente pelo nome em inglês:

“Ninguém me chama de Ofodile aqui, aliás. Eles me chamam de Dave.” Ele olhou para a pilha de envelopes que Shirley lhe entregara. Muitos tinham algo escrito no

⁷ “Inglês pidgin nigeriano” é uma língua derivada da interconexão cultural provocada pela colonização em África. Nesse caso, há uma mistura de termos do inglês britânico com idiomas ancestrais de povos que viviam onde hoje é a Nigéria.

⁸ Os personagens Chinaza-Agatha e Ofodile-Dave têm nomes em igbo nigeriano e em inglês, o primeiro, nome da cada personagem é em igbo e o segundo inglês, e como os dois foram chamados pelos dois nomes durante os contos, optou-se por chamá-los dessa forma.

⁹ Tradução retirada do site Glosbe Dicionário, ver: <https://pt.glosbe.com/ig/pt/nno>.

próprio envelope, acima do endereço, como se o remetente houvesse lembrado de uma informação só depois de fechar a carta.

“Dave?” Eu sabia que ele não tinha um nome inglês. Os convites do nosso casamento diziam “Ofodile Emeka Udenwa e Chinaza Agatha Okafor”.

“O sobrenome que eu uso aqui é diferente também. Os americanos têm dificuldade em dizer Udenwa e, por isso, eu mudei.”

“Como é?” Eu ainda estava tentando me acostumar com Udenwa, um nome que só conhecia há poucas semanas.

“Bell.”

“Bell!” Eu tinha ouvido falar de um Waturuocha que mudou para Waturu nos Estados Unidos, de um Chikelugo que assumiu o nome mais fácil para os americanos de Chikel, mas de Udenwa para Bell? “Bell não se parece nada com Udenwa”, comentei.

Ele se levantou.

“Você não entende como as coisas funcionam neste país. Se você quiser chegar a algum lugar, tem que ser o mais normal possível. Se não for, vai ser largada na beira da estrada. Tem que usar seu nome inglês aqui.”

“Eu nunca usei, meu nome inglês só existe na minha certidão de nascimento. Fui Chinaza Okafor minha vida inteira.”

“Você vai se acostumar, amor”, disse ele, esticando a mão e fazendo um carinho na minha bochecha. “Pode acreditar.”

Ao preencher um formulário para requerer meu número de seguridade social no dia seguinte, o nome que ele colocou em letras maiúsculas foi AGATHA BELL (ADICHIE, 2017, p. 185-186).

Depois de ter um casamento arranjado e de pouco conhecer seu marido, a personagem feminina é bombardeada de informações sobre ele e sobre si mesma. As mudanças impostas por Ofodile-Dave são tão intensas e profundas que a personagem Chinaza-Agatha se vê diante de outra identidade, pela mudança de nome e do jeito de falar, agora que está em um novo país.

Como a narrativa apresentada não trata especificamente da adaptação americana do personagem Ofodile-Dave, não há meios de saber se ele sofreu nesse processo, mas como ele trata a sua recém-esposa evidencia alguns traumas, querendo alertá-la a todo momento sobre a sua conduta. No entanto, ele faz mais do que alertar, ele a censura e a faz mudar de identidade, usando a sua pretensa superioridade masculina para isso. Assim, pode-se observar no personagem Ofodile-Dave traços de um homem colonizado, teorizado por Frantz Fanon (2008), ou seja, uma tentativa de tornar-se branco. “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.” (FANON, 2008, p. 34).

Dessa forma, ao projetar os anseios de colonizado à esposa, o marido tenta descaracterizá-la, tirá-la de sua selva e torná-la Agatha. Essa ambição de ser branco, fica ainda mais evidenciada quando

ele diz os motivos pelo qual escolheu Chinaza-Agatha para seu matrimônio: “Eu fiquei feliz quando vi sua foto”, continuou ele, estalando os lábios. “Você tinha a pele clara. Eu tinha que pensar na aparência dos meus filhos. Negros de pele clara se dão melhor nos Estados Unidos.” (ADICHIE, 2017, p. 197). Nota-se que o personagem quer embranquecer a sua linhagem, e para iniciar esse processo ele casa-se com uma nigeriana negra de pele clara, planeja adestrar o seu inglês e torná-lo americano, fazendo-nos lembrar que “Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura” (FANON, 2008, p. 50). Portanto, Braga (2019) fala em dupla colonização da mulher nativa, pelo colonizador e pelo homem colonizado. Evidencia-se isso nessa representação de Adichie, pois o nativo inferioriza a sua esposa, em razão de seu gênero e de sua raça, privando-a de tudo que a define. Isso confirma como o Racismo Genderizado está intrinsecamente ligado às noções coloniais, de dominação.

Racismo Genderizado e Afetividades

Com afetividades queremos evidenciar as operações do Racismo Genderizado nas relações afetivas, sejam elas familiares ou amorosas. Há dois momentos na narrativa do conto *Os casamenteiros*, onde pode-se observar o Racismo Genderizado nas Afetividades. Em um trecho Adichie escreve:

“O que nós não fazemos por você? Criamos você como se fosse nossa filha e agora lhe arrumamos um *ezigbo dā* Um médico nos Estados Unidos! É como se tivéssemos ganhado a loteria para você!”, dissera a tia Ada (ADICHIE, 2017, p. 183).

Em outra passagem:

“Não deixe seu marido comer demais na rua”, dissera a tia Ada, “ou ele vai acabar nos braços de uma mulher que cozinha. Sempre cuide de seu marido como se ele fosse um ovo de galinha-d’angola.” (ADICHIE, 2017, p. 191).

Nesses trechos a tia da personagem Chinaza-Agatha, a ensina desejar e cuidar de um homem como se ele fosse a coisa mais preciosa de sua vida, seu prêmio de loteria. Essas situações só ocorrem em função de duas questões: seu gênero e sua raça. Um homem não seria ensinado a desejar e cuidar da sua esposa como uma mulher é ensinada, temendo por sua perda.

Além disso, o cuidar é uma função feminina nas sociedades ocidentais, e que foi passado através da colonização às sociedades subordinadas. Cozinhar, limpar a casa e cuidar dos filhos são *deveres* da mulher no mundo colonial. Desse modo, a colonização trouxe as percepções de gênero e a

subalternização das anafêneas, através da instauração do cuidado como uma função feminina (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 226).

Além do acesso ao dinheiro, o que o trabalho assalariado significava para os homens, havia outros efeitos mais sutis, mas igualmente profundos [da colonização]. Como os homens recebiam um salário, seu trabalho adquiria valor de troca, enquanto o trabalho das mulheres retinha apenas o seu valor de uso, desvalorizando o trabalho que se associava às mulheres (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 223).

Portanto, as funções exigidas da mulher, e até reproduzidas, como o trecho sugere, — considerando que é a tia quem reproduz os estereótipos de gênero sobre a sobrinha — são papéis estabelecidos durante o período colonial e que permaneceram no cerne do colonizado. Ou melhor, o Racismo Genderizado está intrinsecamente ligado com o período colonial, como se a mulher fosse um objeto a ser dominado. Parafraseando Grada Kilomba (2019, p. 66), para as mulheres colonizadas, tudo em seu redor era, e ainda é, colonialismo.

No mesmo conto, pode-se perceber outras formas de Racismo Genderizado a partir das afetividades:

“Por que você casou comigo?”, perguntei.
“Eu queria uma esposa nigeriana e minha mãe disse que você era uma menina boa, tranquila. Disse que talvez fosse até virgem”, disse ele, sorrindo, e parecendo ainda mais cansado ao fazê-lo. “Eu provavelmente deveria contar a ela que estava muito enganada.” (ADICHIE, 2017, p. 197).

Aqui, da mesma forma que do tópico anterior, o marido de Chinaza-Agatha tenta dominá-la e mostrar superioridade sobre ela. Na narrativa, é mostrado que Ofodile-Dave teve relações amorosas e sexuais antes de trazer a sua esposa para os Estados Unidos, mas ele esperava que ela fosse virgem, como uma metáfora de dominação colonial. Nesse trecho, pode-se perceber que a perspectiva sobre a imaculação é apenas sobre o corpo feminino, o masculino é livre para escolher o que lhe apraz. Além disso, como já foi comentado, o personagem encarna o colonizado, que implica diretamente em seus pensamentos sobre o corpo da mulher.

Racismo Genderizado e Políticas do Corpo

O termo “Políticas do corpo” refere-se a elementos do corpo da mulher negra, tais como o cabelo e a pele, mas também diz respeito a coisas das quais ela não pode mudar em si, como a

sexualidade e o seu intelecto. Nesse tópico será discutido como o Racismo Genderizado age sobre o corpo das mulheres negras a partir das representações dos contos de *No seu pescoço*.

Sobre o cabelo, o conto *Réplica* tem a seguinte passagem: “Você devia deixar crescer de novo, cabelo comprido fica mais elegante na esposa de um Grande Homem.” (ADICHIE, 2017, p. 48). Essa passagem é um diálogo entre um casal, no qual a esposa mora nos Estados Unidos, e o marido na Nigéria, ao longo do conto ela descobre que o marido tem uma amante e ela decide cortar seus cabelos como os dela. Mas seu marido, evidentemente, não gosta da forma como ela está e, enquanto um homem rico que sustenta a esposa no exterior, ele entende que ela deve manter os cabelos longos, por causa dele, para ajudá-lo a manter seu status de “Grande Homem”.

Nessa passagem, os traços de Racismo Genderizado, do homem colonizado que decide o que é melhor para sua esposa, é evidente, ainda mais, considerando que o fato de cortar o cabelo e deixá-lo natural é um ato de transgressão. Visto que, a esposa, Nkem, alisava o cabelo com relaxamento:

Nkem suspira, passa a mão no cabelo. Ele está grosso demais, velho demais. Ela planejara retocar o relaxante no dia seguinte, e fazer um penteado deixando o pescoço definido, do jeito que Obiora gosta (ADICHIE, 2017, p. 34).

Na narrativa, a esposa, era uma mulher submissa ao marido, e fazia tudo para agradá-lo, inclusive alisar o cabelo, e se descaracterizar. Assim, Nkem incorpora um ato transgressor e insubmisso ao cortar o cabelo, e, de certa forma, seu marido percebe isso e tenta controlá-la dizendo que é melhor que ela volte com seu cabelo antigo — e alisado. Essa é uma forma sutil de controle sobre os corpos das mulheres. Kilomba (2019) afirma que alisar o cabelo afro (cacheado ou crespo) é um sinal de desracialização, pois o cabelo é muito mais do que algo que cobre a cabeça, ele é um símbolo de afirmação da negritude. Com isso, alisá-lo pode ser interpretado como uma forma de fabricação de padrões de beleza brancos em corpos negros (KILOMBA, 2019, p. 128).

Sobre a pele e o Racismo Genderizado, o conto *Jumping Monkey Hill* traz o seguinte trecho, na ocasião era oferecido um *workshop* por brancos a escritores africanos:

No dia seguinte, durante o café, Isabel usou um tom assim [racista] quando se sentou ao lado de Ujunwa e disse que, mas é claro, com uma estrutura óssea elegante como aquela, ela só poderia vir de uma família real nigeriana. A primeira coisa que Ujunwa pensou foi em perguntar se Isabel precisava recorrer ao sangue real para explicar a beleza de seus amigos londrinos (ADICHIE, 2017, p. 109).

Considerando que o uso de palavras doces e amargas “não apenas dificulta a identificação do racismo; ele também é uma forma de produzir racismo” (KILOMBA, 2019, p. 162). É possível perceber que a personagem Isabel entende que apenas um passado de “realeza” ancestral poderia explicar a beleza de Ujunwa. Com efeito, a nigeriana percebe que isso não seria questionado aos seus amigos brancos, para Isabel, a sua beleza é exótica.

Com isso, retomando um trecho que já foi discutido do conto *No seu pescoço*, que diz: “Você olhou para eles e se sentiu grata por não a examinarem como a um troféu exótico, uma presa de marfim.” (ADICHIE, 2017, p. 137). No livro *No seu pescoço* Chimamanda Adichie coloca duas representações em suas narrativas, sobre como pessoas brancas enxergam mulheres negras, no primeiro caso, é claro que a personagem Isabel percebe a Ujunwa como exótica, com uma história por trás de si; e no segundo a personagem se sente grata por não a tratarem como “uma presa de marfim”, indicando que isso já ocorreu outras vezes.

Conforme diz Kilomba (2019), é muito comum que os corpos negros sejam percebidos como exóticos, a partir de um estereótipo de sexualização da/o negra/o. Tudo que a/o branca/o não quer ser ou se parecer, ele projeta no seu outro racial, e, nesse caso, os negros. Para que o sujeito branco possa ser lido como “civilizado” o outro precisa ser visto como “incivilizado” e “selvagem” — agressivo e sexual (KILOMBA, 2019, p. 19).

Nessa perspectiva de sexualização dos corpos negros, há algumas passagens no conto *Jumping Monkey Hill* válidas a destacar:

“Eu não me importo de sentar no sol”, disse ela, já se levantando. “Quer que eu levante para você, Edward?”

“Gostaria muito que você se deitasse para mim.” O momento foi úmido, espesso; um pássaro grasnou ao longe. Edward sorria. Só o ugandês e o tanzaniano tinham escutado. Então o ugandês riu. E Ujunwa riu, porque era engraçado e espirituoso, ela disse a si mesma, se você parasse para pensar (ADICHIE, 2017, p. 116).

Em outro trecho:

Sentada ali, olhando para o breu da noite, ouvindo as vozes suavizadas pelo álcool ao seu redor, Ujunwa sentiu uma aversão a si mesma explodindo na boca de seu estômago. Não devia ter rido quando Edward disse “Gostaria muito que você se deitasse para mim”. Não tinha sido engraçado. Nem um pouco. Ela havia odiado a frase, odiado o sorriso de Edward, o vislumbre de dentes esverdeados, assim como odiava a maneira como ele sempre olhava para os seus seios e não para o seu rosto, a maneira como seus olhos escalavam todo o seu corpo, e, no entanto, se obrigara a

rir como uma hiena enlouquecida. Ujunwa largou sua taça de vinho pela metade e disse: “Edward está sempre olhando para o meu corpo”. O queniano, a sul-africana e a zimbabuense olharam para ela, perplexos. Ujunwa repetiu: “Edward está sempre olhando para o meu corpo”. O queniano disse que tinha ficado claro desde o primeiro dia que o homem ia montar naquele palito da sua mulher desejando que ela fosse Ujunwa; a zimbabuense disse que sempre havia uma expressão faminta nos olhos de Edward quando ele fitava Ujunwa; a sul-africana disse que Edward jamais olharia daquele jeito para uma mulher branca, porque o que sentia por Ujunwa era desejo sem nenhum respeito (ADICHIE, 2017, p. 118-119).

Por fim: “Sentou-se ao lado do queniano, que se inclinou para ela e contou, sussurrando, que Edward acabara de dizer para a senegalesa que sonhara com seu umbigo nu. Umbigo nu.” (ADICHIE, 2017, p. 121).

Esses três trechos revelam a relação de um homem branco — especialista em literatura africana, que está oferecendo o *workshop* de escrita — com as mulheres negras africanas, a partir de olhares e falas que reverberam assédio sexual sobre elas, como se representassem um objeto de dominação. No primeiro e terceiro trecho, Edward assedia duas mulheres negras africanas¹⁰ através de expressões verbais, e na passagem do meio, Ujunwa reflete essas micro-violências sofridas por ela, e ao compartilhar com outras pessoas, todos concordam haver uma “expressão faminta” no olhar do homem a ela, mas que ele jamais faria isso com uma mulher branca.

No conto *No seu pescoço* também há um trecho sobre assédio sexual:

Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama — a casa era dele, afinal de contas —, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? [...] E lembrou do que ele dissera sobre o fato de que, nos Estados Unidos, é dando que se recebe (ADICHIE, 2017, p. 127).

Nesse conto a personagem Akunna sofre assédio sexual de seu tio após imigrar da Nigéria aos Estados Unidos, e com essa situação ela relembra o que ele havia dito, uma frase que em um primeiro momento não diz nada de mais, e que depois desse acontecimento, ela passa significar algo sexual e sexista. Com isso, os corpos das mulheres negras parecem estar sempre disponível aos olhos do

¹⁰ Neste conto, a narrativa se refere a pessoas africanas de acordo com o seu país de origem, e quando essas pessoas são negras ou brancas, a autora deixa isso evidenciado na narrativa.

abusador, pois é visto nas representações dos contos acima, que os homens — sejam eles brancos ou negros, europeus ou africanos — acreditam que as mulheres pertencem a eles.

Os dois contos revelam que o abusador exerce, de alguma forma, poder sobre elas, como professor ou como tio, além disso, há a questão racial, pois nos dois casos, as evidências apontam que esses homens as assediam em benefício das raças das vítimas (negras). Dado isso, Kilomba (2019, p. 190) reconhece que as mulheres negras são a “antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade” por não serem nem brancas ou homens, e por isso podem representar a imagem do outro, ou seja, elas só podem se apresentar como o outro e nunca como o eu. Isso quer dizer que as suas impressões, pensamentos e o seu eu não são levados em consideração, tanto que, na fonte, é dito que o assediador não teria as mesmas atitudes com uma mulher branca.

A soma de todas as dificuldades, e até opressões, enquanto imigrante fazem a personagem Akunna do conto *No seu pescoço* ter algumas características associadas à ansiedade: “Aquilo que se enroscava ao redor do seu pescoço, que quase sufocava você antes de dormir, começou a afrouxar, a se soltar.” (ADICHIE, 2017, p. 136). Com esse trecho, nota-se o que Kilomba (2019), denomina de “a dor indizível do racismo”, em que a opressão racial pode se manifestar no oprimido como uma dor física, e neste caso a dor é psicológica e causa uma sensação de sufocamento.

No mais, ainda sobre o Racismo Genderizado e as Políticas do Corpo, há uma passagem importante a ser destacada sobre o intelecto da mulher negra e a sua produção literária no conto *Jumping Monkey Hill*:

Edward se recostou na cadeira e disse: “Nunca é exatamente assim na vida real, não é? As mulheres nunca são vítimas dessa maneira tão grosseira, e certamente não na Nigéria. A Nigéria tem mulheres em posições de poder. A ministra mais importante do gabinete é mulher” (ADICHIE, 2017, p. 119).

Nesse trecho, Edward desqualifica o escrito de Ujunwa diante de outros autores, pois ele acredita não haver sexismo na Nigéria, como se mulheres em locais de poder não passassem por opressão de gênero. Mas há uma sutileza nessa passagem, porque ele menospreza seu escrito por tratar de um tema de opressão.

Spivak (2010) argumenta que a mulher subalterna não pode falar porque não há quem a escute, e isso pode ser observado nessa representação, aquele que deveria ensiná-la a escrever censura seus temas, além disso, trata-se de um personagem que assedia mulheres. Assim, ele representa o silenciador,

onde Ujunwa não pode escrever sobre a sua realidade — de ser assediada. E, portanto, também não será ouvida. No mais, Kilomba (2019) aborda esse silenciamento da/o negra/o nos meios acadêmicos, não especificamente no âmbito literário, mas ainda sim é válido considerar; pois a autora diz que há, na academia, uma inviabilização quando negros pesquisam opressões étnico-raciais, como se houvesse muita “interpretação” em seus escritos, ou ainda existe “a ideia de que a/o oprimida/o está vendo ‘algo’ que não deveria ser visto e a revelar ‘algo’ que deveria permanecer em silêncio, como um segredo.” (KILOMBA, 2019, p. 55).

Racismo Genderizado e Aspectos Narrativos

Neste trabalho, os “Aspectos Narrativos” referem-se a formas com que Adichie narra os seus contos, e com isso, pretende-se explorar formas que ela evidencia, através de metáforas, o Racismo Genderizado e a subalternização das mulheres negras africanas.

Para isso, nos contos *A cela um*, *Uma experiência privada*¹¹, *A embaixada americana* e *Amanhã é tarde demais* as mulheres em situação de subalternidade não têm nome. Como já foi citado, Santana (2020) já investigou as metaforizações sociais de Adichie no livro *Hibisco Roxo*, ou seja, as metáforas são um traço da escrita da autora. Sendo assim, por se tratar de um livro de contos, não se pode ignorar a falta de nome dessas personagens, porque a linguagem metafórica ganha sinais e significados quando há o cruzamento com dados do passado (PESAVENTO, 1996, p. 117). Com isso, Oyěwùmí (2021) diz que a Nigéria Contemporânea foi construída a partir da generificação por meio da colonização das sociedades tradicionais, isto é, o momento colonial subalternizou e silenciou as mulheres nativas e este processo não se encerrou com o fim desse sistema político. Portanto, entende-se que a falta de nome das mulheres desses contos não são meros acasos, até porque, outros personagens são nomeados.

O nome é o elemento mais significativo de um indivíduo, dado ao nascer, que frequentemente significa a sua existência no mundo, além disso, é o principal aspecto de identidade de uma pessoa. Dessa forma, a não nomeação de personagens é algo relevante, assim como uma nomeação ambígua, como é o caso do conto *Réplica*. Nesta narrativa, a personagem principal é chamada de “Nkem” que

¹¹ A protagonista deste conto é denominada como Chika, mas a personagem muçulmana não é, e ela está em situação de subalternização em relação a protagonista, visto que, ela é de classe social mais baixa e possui menos privilégios do que Chika, que é estudante de medicina e faz viagens ao exterior, enquanto a muçulmana tem uma vendinha no mercado e mal sabe falar o inglês, a “língua oficial” da Nigéria.

pode significar em igbo “minha”¹², como a personagem é submissa ao marido, seu nome é pronunciado tantas vezes ao longo da narrativa que se parece muito com uma poesia de repetição. Por conseguinte, o conto parece querer enfatizar que Nkem pertence ao marido, até o momento em que ela rompe com isso cortando seu cabelo.

Além do mais, Chimamanda Adichie parece querer evidenciar o silenciamento e a subalternidade das mulheres negras nigerianas com essas metáforas, entendidas aqui como frutos do Racismo Genderizado. As mulheres negras representam uma outridade dupla, por sua exclusão de gênero e raça, e vivenciam uma dupla-opressão (KILOMBA, 2019; OYĚWÙMÍ, 2021). Por fim, as mulheres negras na literatura feita após o período colonial, podem representar metáforas de colônia, ou seja, algo a ser dominado, possuído e descaracterizado (DU PLESSIS, 1985 *apud* BONNICI, 1998, p. 13).

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi problematizar o “Racismo Genderizado”, como uma condição das mulheres negras no tempo presente na obra *No seu pescoço* (2009) de Chimamanda Ngozi Adichie. Pondera-se que ele foi atingido, pois a ficção se mostra como uma representação e metaforização da realidade, e com isso buscou-se compreender, através da obra literária, como as mulheres negras nigerianas sofrem com a violência do Racismo Genderizado durante a descolonização.

A partir do referencial bibliográfico desenvolveram-se discussões sobre os diálogos entre a História e a Literatura, como tomar obras literárias enquanto fonte de estudos historiográficos baseados principalmente em representações e em metáforas. Abordou-se a Raça e o Gênero, os conceitos e as opressões, e como eles agem nos corpos de mulheres negras nigerianas. Além disso, destacaram-se como essas questões são instauradas pelo colonialismo na Nigéria, principalmente afetando a vivência das mulheres negras deste país.

Concluiu-se que o Racismo Genderizado foi representado e metaforizado em *No seu pescoço* de Chimamanda Adichie. Sendo assim, notaram-se cinco formas de Racismo Genderizado na obra, são elas: a Descolonização (Racismo Genderizado como uma herança colonial aos nativos), a Imigração (mulheres negras nigerianas sofrendo opressão em diferentes lugares do mundo), as Afetividades

¹² O nome da personagem só chamou a atenção após a leitura de outros livros da autora, no qual o termo é utilizado entre amantes em um relacionamento. Para a tradução para o português foi utilizado o Glosbe Dicionário, disponível em: <https://pt.glosbe.com/ig/pt/nkem>.

(Racismo Genderizado dentro das relações afetivas tais como familiares e conjugais), as Políticas do Corpo (opressão direta sobre o corpo das mulheres negras), e por fim, nos Aspectos Narrativos (em que a escritora evidencia as violências através de representação e metáforas da narrativa).

Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda N. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda N. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ADICHIE, Chimamanda N. **Meio Sol Amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ADICHIE, Chimamanda N. **No seu pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda N. **The danger of a single Story**. [S. l.], 2009, Publicado no canal Ted Talks, 1 vídeo (18m26s). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso: 13 abr. 2022.
- ADICHIE, Chimamanda N. **The Thing Around Your Neck**. Toronto: A Knopf EBook, 2009.
- ADICHIE, Chimamanda N. **We should be feminists**. [S. l.], 2012, Publicado no canal Ted Talks, 1 vídeo (29m19s). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists. Acesso: 13 abr. 2022.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, Editora Jandaíra, 2020.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, Editora Jandaíra, 2021.
- BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, 1998, p. 07-23.
- BRAGA, Cláudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora**. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2019.
- BRAGA, Cláudio R. V. Sobrevivendo em zonas de desconforto: as mulheres de Chimamanda Adichie em *The Thing around your Neck*. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 57-63, jul. 2011.
- BRAGA, Cláudio R. V. Trocando o próprio nome: identidade cultural e memória em “The headstrong historian”, de Chimamanda Ngozi Adichie. **Caderno CESPUC De Pesquisa Série Ensaios**, Belo Horizonte, v. 2, n. 19, p. 42-50, dez.2010.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.
- FERREIRA, Antonio C. A fonte fecunda. In: LUCA, Tania R. PINSKY, Carla B (org.). **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto: São Paulo, 2009, p. 61-91.
- hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e o feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa B. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 58-91.

MBEMBE, Achille. As Formas Africanas de Auto-Inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 1, 2001, p. 171-209.

MIRANDA, Luana. PRADO, Priscila F. D. Por uma História Plural: Colonização e identidade no conto “A historiadora obstinada”, de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 18, n. 1, jan./abr. 2021, p. 137-150.

OYÉWÙMÍ, Oyérónké. **A Invenção das Mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de wanderson flor do nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PESAVENTO, Sandra J. Com os olhos de Clio ou a Literatura sob o olhar da História a partir do conto O Alienista, de Machado de Assis. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 16, nº 31-32, p. 108-118, 1996.

PESAVENTO, Sandra J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. **Revista de História das Ideias**: Coimbra, v. 21, p. 33-57, 2000.

PESAVENTO, Sandra J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 31-47, 2003.

PESAVENTO, Sandra J. Relação entre História, Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (Séculos XIX e XX). **Anos 90**: Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 115-127, 1995.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas** Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142.

SANTANA, Rafael B. J. História e Literatura: as contribuições de Chimamanda Adichie para com a História Recente da Nigéria. In: **Combates pela História, X Encontro Estadual de História ANPUH/Bahia, 2020, Anais Eletrônicos**. Vitória da Conquista: UESB, 2020, p. 1-12.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.